

POR ESTA EU NÃO ESPERAVA:

O DEVIR HOMOSSEXUAL NAS SUPERAVENTURAS DO X-FACTOR

Didn't see that comin': the becoming-homossexual in X-Factor super adventures

Lucas do Carmo Dalbeto¹

Resumo

Este trabalho visa analisar aproximações entre a crescente visibilidade de personagens homossexuais nas narrativas de superaventura da editora *Marvel Comics* e a concepção filosófica de devir homossexual, conforme Gilles Deleuze e Félix Guattari. Toma-se por objeto de análise o casal Rictor e Shatterstar, do título *X-Factor* e, por meio da investigação de sua trajetória, entende-se que o tratamento dado a estes personagens apresenta certo rompimento às normatizações sociais opressoras. Por se tratar de um produto da mídia é esperado que as HQs atendam aos interesses de mercado, assim não se pode desvincular o desenvolvimento destes personagens às mudanças editoriais direcionadas ao consumo. Contudo, a relação entre os dois afirma uma nova subjetividade legitimadora, não mais baseada completamente nos modelos opressores, mas sim nas produções do desejo.

Palavras-chave: X-Factor. Devir homossexual. História em quadrinhos.

Abstract

This study aims at analysing the similarities between the expanding visibility of homosexual characters in *Marvel Comics*' super adventure narratives and the philosophical concept of becoming-homossexual, according to Gilles Deleuze and Felix Guattari. The object of analysis is the couple Rictor and Shatterstar, from the comics *X-Factor*, and by the investigation of their path we can understand that the approach given to them represents a breakthrough in oppressive social conventions. Since they are products from the media, we expect that comic books answer to market interests; so we cannot detach these characters' development from the editorial changes focusing on increasing sales. Nonetheless, their relationship reinforces a new legitimate subjectivity, not totally based on oppressive models, but on the idea of desire.

Keywords: X-Factor. Becoming-homossexual. Comic books.

¹ Mestrando em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: lcdalbeto@yahoo.com.br. Trabalho excerto da dissertação intitulada "Devir homossexual nas histórias em quadrinhos de superaventura" (título provisório), orientada pelo Prof. Dr. Silvio Ricardo Demétrio.

Considerações Iniciais

As questões acerca da sexualidade e das diferenças sexuais tem se apresentado cada vez mais na pauta da produção midiática. Em 2011 tivemos, no Brasil, o primeiro beijo homossexual em uma telenovela do horário nobre, Amor e Revolução. Posteriormente apenas outros dois casais seguiram pelo mesmo caminho, em 2013 na novela Amor à Vida, e em 2014, em Em Família.

Apesar de apresentar certo avanço no trato das questões referentes à sexualidade, é indiscutível que o assunto ainda é desenvolvido sob um viés limitante e marginalizado, não apenas na teledramaturgia brasileira, mas por grande parte dos bens culturais destinados ao consumo em massa.

A filósofa Diana Fuss (1999) aponta a oposição filosófica entre homossexual e heterossexual, e os binômios normatizados masculino/feminino, como causas da exclusão cultural e estigmatização de sexualidades que não se enquadram no padrão social dominante. Para Fuss (1999) a heterossexualidade se auto regulamenta a partir de fatores limitantes de comportamento que a impedem de ser “contaminada” pela homossexualidade. Pelo olhar da filósofa é possível compreender que, a eleição do objeto de desejo sexual não está relacionada apenas a identificações, mas é fruto de “uma complexa interação de conflitos sociais, pressões histórica e proibições culturais” (FUSS, 1999, p.116).

O antropólogo e sociólogo Pierre Bourdieu (2012) considera que esta exclusão apontada por Fuss (1999) é resultado de um sistema de domínio simbólico no qual a figura feminina, ou qualquer uma que não seja a masculina, é oprimida socialmente. A justificativa, segundo o autor, está nas diferenças biológicas anatômicas sexuais socializadas entre homens e mulheres, que conferem também o comportamento normatizado.

Esta ordem dominante é exercida em função de processos simbólicos que são conhecidos e reconhecidos tanto por dominantes quanto por dominadores e, segundo Bourdieu (2012), acontece com consentimento, grosso modo, de ambas as partes, que perpetuam a ideia de “atitude natural”. Mesmo as manifestações que visam destituir o modelo heterocêntrico masculino, tais como os “estatutos gay e lésbico” se condicionam aos moldes da norma social. Para que estes grupos rompam as estruturas invisíveis que afetam

sua condição perante a sociedade, Bourdieu (2012) acredita que sejam necessárias ações que se oponham e destruam o simbolismo que os renega a estigmatização.

Conforme observa o sociólogo Nildo Viana (2013) as Histórias em Quadrinhos (HQs) não são simples produtos voltados ao entretenimento infantil. Trata-se de bens culturais históricos carregados de ideologias que refletem a sociedade na qual foram produzidos. Desta forma, se apresentam como importantes objetos de pesquisa para a compreensão do mundo no qual vivemos.

Como base nas considerações de Viana (2013) e tomando o conceito filosófico de devir, estabelecido por Deleuze e Guattari, este trabalho visa desenvolver uma análise da trajetória do casal formado pelos super-heróis Rictor e Shatterstar, membros da equipe *X-Factor*, da editora *Marvel*. Por meio da investigação estabelecida é possível identificar que os personagens dão vazão a um devir minoritário, caracterizado aqui como o devir-homossexual, que, como tal, apresenta certo rompimento às normatizações sociais opressoras.

Dominação masculina, modelos de conduta social e devires-minoritários

Há diferentes formas de compreender as diferenças que caracterizam os grupos sociais. Estas diferenças, comumente, estão associadas a vivências de desigualdades e caracterizam os grupos oprimidos como minorias inferiores. Pode-se observar esta vivência da diferença relacionada a padrões étnicos, econômicos e, entre outros, de sexualidade.

Segundo Fuss (1999) o sistema social convencionou um binômio opositor entre “homo” e “heterossexualidade” baseado em uma lógica limitante do comportamento esperado dos dois grupos. A estrutura, apontada pela filósofa, é responsável pela construção da subjetividade que, por sua vez, ajudará na constituição das identidades. Desta forma, a normatização das práticas sexuais são dependentes de um sistema, o qual a autora denomina Dentro/Fora. A analogia estabelecida por Fuss (1999) remete aos mecanismos de produção de sentido, que estabelecem a heterossexualidade como um comportamento natural e puro, em oposição à homossexualidade, antinatural e impuro, relegada à marginalidade, à exclusão social e, de acordo com a autora, sujeita a repressão e ao repúdio.

Contudo, Fuss (1999) aponta que, o termo “fora”, em inglês *out*, está relacionado à visibilidade, à presença, desta forma a própria exclusão seria responsável pela inclusão cultural do grupo que tende a excluí-lo.

Estar fora (*to be out*), no discurso gay, é precisamente não estar mais fora, sair fora é, por fim, estar fora da exterioridade e de todas as exclusões e provações que a condição de deslocamento impõe. Dito de outra forma, estar fora realmente é estar dentro – dentro do reino do visível, do dizível, do culturalmente compreensível. (FUSS, 1999, p.119).

Segundo o raciocínio estabelecido por Fuss (1999) todos os indivíduos se encontram dentro e fora, ao mesmo tempo. Isto posto, a autora acredita que é necessário repensar “as fronteiras sexuais [de modo] que nos ajude a extingui-las e reorganizar novas disposições culturais e sexuais, orientadas pelos movimentos e pelas transmutações do prazer no terreno social” (FUSS, 1999, p.121).

A estrutura simbólica dicotômica que categoriza as identidades sexuais em função de homo e heterossexualidade, conforme abordado por Fuss (1999), é considerada por Bourdieu (2012) como uma consequência da ordem estabelecida pelo domínio masculino. O autor considera as diferenças entre os sexos como fruto de uma “construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças, ou do obscurecimento de certas semelhanças” (BOURDIEU, 2012, p.23). Não se trata, portanto, simplesmente de diferenças biológicas, mas de normatizações construídas socialmente. Segundo o autor “[...] as diferenças visíveis entre os órgãos sexuais masculino e feminino são uma construção social que encontra seu princípio nos princípios de divisão da razão androcêntrica, ela própria fundamentada na divisão dos estatutos sociais atribuídos ao homem e a mulher” (BOURDIEU, 2012, p.24).

Pode-se notar, desta forma, que a divisão sexual, tal como compreendida em maior parte da sociedade, é fruto de uma convenção histórica que se efetivou progressivamente com o passar do tempo, processo este que, segundo o autor, é perpetuado por diferentes instituições no decorrer da história, tais como a Igreja, o Estado, a Escola e, mais recentemente, o *Mass Media*.

Para Bourdieu (2012) as identidades sexuais destoantes das naturalizadas, como gays e lésbicas, se opõem à violência simbólica praticada por estas instituições, questionando a ordem fundamentada em vista de subvertê-la. O sociólogo aborda a mesma dicotomia apresentada por Fuss (1999) ao observar que, tal como outros grupos sociais estigmatizados, os homossexuais sofrem com a opressão da invisibilidade, traduzida na inexistência pública, na invisibilidade, contudo nota que os próprios homossexuais se

sujeitam ao desejo de submissão diante à norma dominante ao adotar comportamentos característicos da heterormatividade, como o casamento monogâmico.

Tal como aponta Bourdieu (2012), a invisibilidade à qual o grupo tem se relegado é fruto do desinteresse, ou incapacidade, de iniciar uma subversão radical das estruturas sociais e cognitivas, e da categorização construída pela ordem dominante. O autor cita que a subversão simbólica capaz de trazer homossexuais à visibilidade, deve se “operar e impor uma transformação duradoura das categorias incorporadas (dos esquemas de pensamento)” (BOURDIEU, 2012, p.146), que confira uma nova naturalização das categorias sociais que serão por elas produzidas.

As relações de poder apontadas por Bourdieu (2012) compreendem os fenômenos sociais nos campos da prática, uma vez que não se trata apenas de estruturas do inconsciente que as determinam, mas contextos sociais e construções históricas. Representa, portanto, agenciamentos que irão conceber a subjetividade do indivíduo, de acordo com um devir.

O conceito de devir articulado pelos filósofos Deleuze e Guattari (1997) correspondem às manifestações do desejo que irão agenciar o modo de se viver e de sentir. Não se trata de uma semelhança, ou proximidade de outra coisa, mas da própria realidade. É um processo de desejo no qual “instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de os tornarmos, e através das quais no tornamos” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.55).

Este conceito se contrapõe a divisão binária dos sexos, uma vez que tudo pode ser manifestado em um devir diferente, uma vez que este se produz em nível molecular² e pode vir a compor o organismo com outra coisa, um devir-alguma coisa, cujas partículas moleculares são capazes de percorrer por todo o campo social e impregná-lo. Pode-se, portanto, identificar uma série de segmentos de devir que, de acordo com Deleuze e Guattari (1997), se ordenam a partir do devir-mulher.

A este respeito, Guattari (1987) considera que o devir-mulher representa o gênero minoritário responsável pela construção de todos os outros devires que não se caracterizam

² Guattari compreende que os elementos contidos nos agenciamentos podem se organizar em modelos molares ou moleculares. A ordem molar, segundo o autor, corresponde aos delimitantes de objetos, sujeitos, representações e aos sistemas a que se referem. Em ordem molecular observa-se o contrário, os devires, os fluxos, as intensidades, que o autor denomina transversalidade. (GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.).

como o gênero dominante, o masculino. Neste sentido o autor aponta que, em nível molecular, todas as sexualidades são formadas aquém do binarismo opositor entre homo e heterossexual. Contudo, o devir-mulher se encontra estabelecido dentro dos esquemas do domínio fálico, o que a afasta das demais manifestações sexuais.

Conforme observa Guattari (1987) muitos dos próprios homossexuais se adaptam aos esquemas normalizadores, estruturados no binarismo masculino/feminino, que visam fundamentar a ordem social. Segundo o autor o “casal feminino-passivo/masculino-ativo permanece assim uma referência tornada obrigatória pelo poder, para permitir-lhe situar, localizar, territorializar, controlar as intensidades do desejo” (GUATTARI, 1987,p.35).

Como citado, no nível molecular o agrupamento categórico deixa de existir. As oposições entre gêneros são renunciadas e “os pontos de passagem entre os homossexuais” (GUATTARI, 1987, p.34) e as outras diversas minorias sexuais não dominantes são buscadas, desta forma o filósofo aponta a capacidade dos homossexuais de falar em nome das minorias silenciadas pela hierarquia opressiva.

A aproximação do devir homossexual ao devir feminino, estabelecida pelo autor, nos permite pensar nestes como questionadores da ordem estabelecida. Isto posto, podemos entender o devir-homossexual como responsável pela destituição da ordem dominante, o domínio simbólico masculino, heterormativo, que oprime e segrega as pulsações desejantes, que não está necessariamente relacionada ao desejo sexual, mas à subjetividade, que define continuamente os indivíduos. Para o filósofo (GUATTARI, 1990) esta subjetividade está atrelada a “instâncias individuais, coletivas e institucionais” (GUATTARI, 1990, p.3), e não somente às “infraestruturas ideológicas e infra-estruturas econômicas” (GUATTARI, 1987, p.64).

A respeito da subjetividade, Guattari (1990) observa que o conceito na contemporaneidade e os modelos de inconsciente em curso ultrapassa a definição estabelecida até meados do surgimento das tecnologias responsáveis pela produção da cultura de massas e pela corrente estruturalista, isto porque o desenvolvimento de produtos midiáticos de alcance mundial afeta diretamente a formação dos fatores subjetivos, que, segundo o autor, são substituídos por ideologias vinculadas por estes produtos. Segundo as palavras do autor “[...] as máquinas tecnológicas de informação e de comunicação operam no coração da subjetividade humana, não somente no seio de suas memórias, de sua

inteligência, mas também de sua sensibilidade, de seus afetos, de seus fantasmas inconscientes.” (GUATTARI, 1990, p.5).

Doravante, conforme o autor, a subjetividade produzida neste novo contexto pode tanto “trabalhar para o melhor como para o pior.” (GUATTARI, 1990, p.5). O melhor, como aponta Guattari, está na possibilidade de criação de novos universos referenciais capazes de se opor aos domínios opressivos praticados. Trata-se de uma reapropriação da mídia que, segundo o autor, nos leva a era do pós-mídia. Contudo, a mídia também pode trabalhar para o “pior”, que Guattari caracteriza como a “‘mídiação’ idiotizante a que milhares de indivíduos estão hoje condenados.” (GUATTARI, 1990, p.5).

As Histórias em Quadrinhos são produzidas a partir de agenciamentos³, que perpetuam a dicotomia entre masculino e feminino e, assim constituem as estruturas simbólicas que alicerçam a dominação soberana masculina na sociedade. Estes produtos culturais, ainda considerados por alguns como entretenimento frívolo para crianças e adolescentes, muitas vezes constituem o *hall* de bens midiáticos idiotizantes aos quais Guattari (1990) se refere, contudo as HQs podem atuar para o melhor, apresentando aos seus leitores diferentes formas pensar a sociedade e os modelos de conduta.

Histórias em Quadrinhos e sociedade

As Histórias em Quadrinhos são obras que levantam questões socioculturais em um mundo fantástico, que é amplo, rico e complexo, o que lhe permite diferentes interpretações e infinitas abordagens. Suas narrativas podem ser apresentadas em diferentes gêneros, tais como os quadrinhos humorísticos, de terror, eróticos, e, entre outros, os aqui tratados, aventura e superaventura.

A historicidade das HQs apontam as tirinhas vinculadas a jornais como as percussoras das revistas especializadas em quadrinhos. Neste período, que data de 1895 (VIANA, 2005) os temas costumavam ser domésticos e direcionados ao consumo familiar. Contudo, como observa Viana (2005), as HQs assumem um novo papel a partir de 1929, que passa a ser predominante na década de 70. Este papel, segundo o autor, corresponde à necessidade de veicular um herói com o qual a sociedade poderia se identificar em meio à crise financeira

³ A noção de agenciamento, conforme desenvolvida por Deleuze e Guattari, é mais ampla que a ordem estrutural ideológica. Trata-se de elementos heterogêneos que irão conformar o inconsciente coletivo social. (GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.).

de 1929. Neste contexto percebe-se a ascensão do gênero aventura e, posteriormente, a superaventura.

O autor considera que a aventura foi uma pré-condição para o surgimento da superaventura e, uma das diferenças entre eles está na figura do seu protagonista. O herói, de acordo com Viana (2005), é um indivíduo dotado de qualidades especiais, sejam elas físicas, mentais ou morais. Protagonizam aventuras que não se restringem a fantasia, o que lhes confere uma existência real, diferente do super-herói. Para Viana as habilidades extra-humanas, impossíveis de se manifestarem fora da ficção, e a coexistência de outros seres superpoderosos, super vilões ou super-heróis, são características que diferenciam a superaventura de sua predecessora.

Superman foi o primeiro super-herói a ser criado, em 1938, e serviu de modelo para diversos personagens que surgiram posteriormente. Ainda que a origem dos poderes destes seres fossem distintas (Viana aponta que os superpoderes podem advir da própria existência, de fontes energéticas, da tecnologia ou da magia), todas estão vinculados à fantasia, à imaginação, e desta forma, por anos, as Histórias em Quadrinhos de superaventura estiveram relegadas ao *status* de divertimento infanto-juvenil.

Contudo, Viana (2013) observa que, a partir da década de 70, as publicações alcançaram um novo status, com obras mais politizadas e complexas direcionadas, principalmente, ao público adulto. O sociólogo compreende as Histórias em Quadrinhos como manifestações sociais de sua época, dessarte expressam as relações sociais estabelecidas em seu contexto de produção.

Ainda que os super-heróis sejam conservadores, Viana (2013) cita que eles abrem espaço para questionar a sociedade e manifestar valores divergentes dos praticados que rompem “parcialmente com a censura moral, política e religiosa, entre outras” (VIANA, 2013, p.34).

Tal qual os demais bens midiáticos, as HQs visam a obtenção do lucro, assim a liberdade criativa da equipe responsável pelo desenvolvimento das narrativas é vinculada ao capital editorial e as regras estabelecidas por tal. Como atenta Viana (2013), o público consumidor é o outro alicerce que irá determinar o conteúdo das Histórias em Quadrinhos. Desta forma a evolução dos leitores/consumidores, e as mudanças dos valores sociais perpetuados em determinadas épocas são fundamentais para a compreensão destes produtos culturais.

Os valores manifestados nas narrativas dos quadrinhos, conforme Viana (2013), correspondem aos valores defendidos pelos seus produtores e, de modo geral, correspondem aos mesmos valores vinculados às classes dominantes, ou seja, possuem caráter axiológico. Contudo, o autor aponta que as HQs podem apresentar valores que contradigam estes interesses.

Como exemplo é possível identificar na década de 70 a retomada de temas que refletiam as lutas sociais que aconteciam no Ocidente, com a criação de personagens negros, o desenvolvimento de temas contemporâneos como uso de drogas e o surgimento do primeiro super-herói homossexual de uma grande editora, o Estrela Polar.

A homossexualidade e as questões referentes à homoafetividade eram inexistentes no gênero superaventura até a década de 50, como aponta Reblin (2014), quando o psiquiatra Frederic Wertham publicou *Seduction of The Innocent*, no qual apontava uma suposta relação homossexual entre Batman e Robin, e entre a Mulher-Maravilha e as demais Amazonas da ilha Themyscira.

O livro de Wertham teve grande impacto na indústria de quadrinhos e, de acordo com Reblin (2014) foi um dos catalisadores do *Comic Code*, um código de auto-regulamentação que previa, entre outros, a proibição de qualquer insinuação sexual nas histórias, desde que não estivesse vinculada ao matrimônio. Em sua primeira edição, 1954, o código apresentava no campo *Marriage and Sex*, a seguinte recomendação: “I. Relações sexuais ilícitas não devem ser insinuadas ou retratadas. Cenas de amor violentas e anormalidades sexuais são inaceitáveis.” (NYRBERG, 1998, p.168).

O código passou por outras duas reformulações, em 1971 e 1989, antes de cair em desuso, em 2011, porém é apenas na versão de 1989 que a homossexualidade passa a ser tratada de forma menos discriminatória. Segundo Reblin (2014) a homossexualidade deixa de ser uma anomalia para ser encarada como um estilo de vida que deve ser respeitado, e não condenado. O autor cita que a mudança no código irá possibilitar o desenvolvimento de novos super-heróis homossexuais e a revelação da sexualidade de outros, dentre eles o Estrela Polar (da editora Marvel) que, mesmo que tenha sido concebido como um personagem homossexual, só teve sua orientação revelada em 1992.

Apesar de ter sido abolido apenas em 2011, o código já não exercia a mesma influência de sua criação desde meados dos anos 80. A publicação de revistas como O Cavaleiro das Trevas e *Watchmen*, que se propunham a consolidar as Histórias em

Quadrinhos como literatura e não mais como entretenimento infantil, são dois exemplos. Nestes títulos diversos pontos condenados pelo *Comic Code* eram explorados, tais como violência, nudez, abusos sexuais e mesmo algumas questões de sexualidade.

Apesar das iniciativas datarem de algumas décadas atrás, Reblin (2014) observa que as superaventuras não “coloriu-se enfaticamente” (REBLIN, 2014, p.24), com o abrandamento do código. A mudança aconteceu de maneira paulatina, e apenas recentemente, significativos acontecimentos passaram a tomar forma nas páginas das HQs. Ainda que Estrela Polar tenha se assumido como homossexual em 1992, sua sexualidade foi oprimida por uma década e apenas passou a tomar espaço nas narrativas quando o personagem foi recrutado para participar da equipe *X-Men*, em 2002. Dez anos depois, em 2012, foi o primeiro super-herói de um grande título e com relativa importância a protagonizar um casamento homoafetivo.

Estrela Polar representa um importante marco na busca pela visibilidade LGBT nos produtos midiáticos. A edição da cerimônia de casamento foi agraciada com o GLAAD⁴ e gerou grande repercussão, inclusive na mídia não especializada. Contudo, esta não foi a única abordagem de relações entre pessoas do mesmo sexo publicada pela editora. Três anos antes outro casal homoafetivo era apresentado nas páginas de um de seus títulos, Rictor e Shatterstar.

Por esta eu não esperava!

Em agosto de 2009 a editora *Marvel* publicou a edição de *X-Factor* #45 na qual dois dos protagonistas, Rictor e Shatterstar, revelam aos leitores e colegas de equipe seu relacionamento homoafetivo. Os personagens existem há mais de 20 anos e integraram diferentes títulos até se encontrarem juntos na equipe *X-Factor*. *Rictor* foi criado em 1987, tem origem latina (é mexicano) e participou de *X-Force* e dos Novos Mutantes. Por um breve período se relacionou com suas colegas de equipe Lupina e *Boom Boom*. *Shatterstar* tem um passado misterioso, é de origem alienígena e crê-se que seja clone de outro personagem, o *Longshot*. Foi criado em 1991 pelos quadrinhistas Fabian Nicieza e Rob Liefeld, famosos por desenvolverem personagens excessivamente másculos e mulheres sensuais.

⁴ GLAAD, *Gay & Lesbian Alliance Against Defamation*, é uma iniciativa americana não governamental que, desde 1985, monitora a representação de homossexuais na mídia. Um prêmio é entregue uma vez ao ano para bens culturais que, de acordo com a iniciativa, ajudem a promover o entendimento, a aceitação e a igualdade de direitos da comunidade LGBT perante a sociedade.

A revelação deu-se por meio de um beijo apaixonado trocado pelo casal em uma história na qual Shatterstar tem sua mente dominada por um vilão que o obrigada a atacar civis e os próprios colegas do *X-Factor*. Diferente da história da Bela Adormecida, que mostra a princesa despertando do sono eterno conjurado pela bruxa má após ser beijada pelo seu príncipe encantado, o roteiro de Peter David surpreendeu leitores ao retratar Shatterstar recuperando a consciência antes de retribuir o beijo do namorado aflito, o que eliminou qualquer dúvida acerca do ato. Surpreso também estava o parceiro de equipe Guido, que presenciou a cena e demonstrou seu choque com a frase “Putz... Por esta eu não esperava!”.

Apesar da repercussão gerada pelo beijo, o relacionamento entre os personagens não era novidade. Devido à longevidade dos personagens, diferentes autores e desenhistas assumiram suas tramas ao longo dos anos. Dentre eles Josep Loeb, responsável por *X-Force* a partir da edição 49, de dezembro de 1995, título ao qual os dois personagens pertenceram antes de ingressarem no *X-Factor*. Dentre os planos de Loeb para a equipe estava o desenvolvimento da relação amorosa entre os dois que, na época, sequer havia sido sugerida. Contudo outras histórias foram priorizadas, e o romance permaneceu esquecido por mais de uma década.

Em 2005, quando Peter David assumiu o título do qual *Rictor* e *Shatterstar* eram membros, o romance entre os dois voltou à pauta e foi confirmado com o beijo apresentado na edição publicada 4 anos depois. A confirmação não agradou o desenhista Rob Liefeld, que se pronunciou a respeito dizendo “Mal posso esperar para desfazer isso!” (LIEFELD, apud MELROSE, p.1, 2009). Liefeld se justifica afirmando que Shatterstar foi desenvolvido por ele como um alienígena que não compreende a sexualidade humana. Trata-se de um personagem assexuado que luta para compreender o comportamento dos seres humanos. O desenhista ainda afirmou que seu posicionamento não é homofóbico, e sim pró-origem do personagem. De acordo com suas palavras “... Eu não tenho nada contra os gays, possuo familiares gays e não sinto nada além de amor por eles. O mesmo para personagens gays, se esta é sua verdadeira origem.”⁵ (LIEFELD, apud MELROSE, p.1, 2009).

⁵ Trad. do autor: “... *I have nothing against gays, I have gay family, nuthin’ but love here. Ditto gay characters if that’s what their true origins are*”



Figura 1: X-Factor 45 (setembro/2009)

A observação de Liefeld a respeito da sexualidade de Shatterstar caracteriza o personagem em estado de devir. Devido a sua origem alienígena Shatterstar nunca se enquadrou nos padrões sociais vigentes. O personagem é oriundo do futuro e de outra dimensão, o *Mojoworld*, um universo paralelo no qual torneios de vida ou morte eram entretenimento televisivo. Neste futuro distópico, Shatterstar era um grande guerreiro que se rebelou contra as regras do ditador Mojo, e vem ao Planeta Terra em busca de ajuda para livrar seus conterrâneos.

Ao chegar à Terra, Shatterstar demonstrava ser muito mais violento do que os demais membros da equipe, e precisou se adequar aos costumes terráqueos e ao lema de seu líder, “Matar apenas em defesa, nunca a sangue frio”. Na edição de *X-Force*#1 o guerreiro decepa a mão de um vilão com quem lutava e afirmou que o mataria se seus novos companheiros de equipe não tivessem intervindo.

O respeito à vida foi apenas uma das inúmeras adequações que Shatterstar precisou estabelecer. Na edição 43 de *X-Force*, o personagem confessou ao amigo Rictor, com quem começa a desenvolver uma relação próxima, que nunca havia sentido qualquer tipo de estímulo emocional antes, muito menos havia provado experiências sexuais, uma vez que, no *Mojoworld*, o sexo possuía fins reprodutivos e era assistido em laboratório. Estas

informações são fundamentais para compreender o processo de devir pelo qual Shatterstar passa no decorrer das histórias.

Em Nação X, história publicada em 2010, a equipe viaja até *Utopia*, lar santuário de mutantes. Neste segmento o casal apresenta algumas desavenças devido ao comportamento liberal de Shatterstar. De volta a casa, Rictor confessa ao namorado o quanto se sente incomodado pela necessidade do parceiro de ter novas experiências e estar com outras pessoas. Uma vez que Shatterstar precisou romper com os seus costumes originais e se adequar aos sentimentos e padrões habituais da Terra, este se surpreende com a reação de Rictor. Não compreende a monogamia ou o comportamento que deveria adotar em um relacionamento.



Figura 2: X-Factor#207 (setembro/2010)

Durante anos o personagem esteve deslocado sócio e culturalmente de seu novo contexto. Não compreendia os costumes terrestres e precisou oprimir sua natureza assassina para se adequar às normatizações de nossa sociedade. Ainda que esta estivesse retratada em um universo de fantasia e fantástico, apresentava valores correspondentes ao universo não ficcional.

Pode-se perceber, ao analisar a trajetória do relacionamento entre Shatterstar e Rictor, que ambos buscavam uma alternativa de relacionamento que se adequasse aos seus desejos. A edição 207 de *X-Factor*, publicada em setembro de 2010, um ano após o primeiro beijo entre o casal, apresenta um diálogo no qual ambos avaliam o relacionamento após a discussão iniciada em *Utopia*. Rictor sugere que Shatterstar procura uma relação aberta para poder se dedicar aos seus desejos por novas experiências, não necessariamente sexuais. Diante da infelicidade do parceiro Shatterstar afirma que a presença de Rictor em sua vida é necessária para que suas novas experiências sejam válidas. Em prol de um relacionamento que se aproxime dos modelos praticados pela sociedade o casal abdica de suas pulsações

desejantes, que são mais evidentes em Shatterstar, que teve boa parte de sua subjetividade construída a partir de valores distintos dos que encontrou no Planeta Terra.

Considerações Finais

Tal como aponta Guattari (1990) os produtos culturais decorrentes do *Mass Media* influenciam na construção das subjetividades, desta forma a compreensão dos bens culturais, dentre eles as Histórias em Quadrinhos, é de grande importância para se estabelecer um entendimento acerca da sociedade.

As narrativas midiáticas do comportamento sexual frequentemente se dão por meio da visão heteronormatizadora que, como aponta Bourdieu, é decorrente do processo de domínio simbólico masculino. Desta forma, a apresentação de personagens homossexuais, comumente, tende a ser feita sob o rótulo de minorias e, conseqüentemente, marginalizados.

Nota-se que, na historicidade das Histórias em Quadrinhos de superaventura, esta exclusão cultural esteve vinculada a processos socioculturais, o que agrega às HQs um importante caráter de objeto de pesquisa para a compreensão dos modelos heteronormativos de conduta social, de experiência amorosa e de relacionamentos esperados de pessoas do mesmo sexo.

Apesar de não terem sido o primeiro casal de super-heróis homossexuais e nem mesmo o único, o relacionamento entre Rictor e Shatterstar apresenta certa tendência a romper com padrões sociais. O conceito de devir se faz aqui presente, uma vez que os personagens são agenciados pelo desejo.

O binarismo masculino/feminino se faz presente nos corpos dos personagens. Tanto Shatterstar (que é, supostamente, fruto de bioengenharia para gerar o guerreiro perfeito) quanto Rictor se apresentam como representantes do masculino normatizado, corpos fortes e atraentes. Porém, o comportamento adotado pelos dois personagens se mostra contra hegemônico, principalmente em Shatterstar.

Ao desconsiderar a ordem estabelecida, o casal se aproxima de um devir-minoritário, aqui retratado como o devir-homossexual, assim pode-se identificar uma tendência à ruptura com a ordem estabelecida. Nota-se, contudo, que para Shatterstar a subjetividade foi sufocada em prol de uma relação que se adequasse ao comportamento esperado por um casal, seja ele formado por pessoas do mesmo sexo ou não.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. Trad. Suely Rolnik. - São Paulo: Ed. 54, 1997.

FUSS, Diane. Dentro/ Fuera. In: CARBONELL, Neus; TORRAS, Meri. (org.) *Feminismos literarios*, Madrid: Arco Libros, 1999. p.111-124.

GUATTARI, Felix. Linguagem, consciência e sociedade. *Revista Saúde e loucura*, v. 2, p. 3-17, 1990.

GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MELROSE, Kevin. Liefeld 'can't wait to someday undo' Shatterstar development. 03 jul. 2009. Uncategorized. *Comic Book Resources*. Disponível em: <<http://robot6.comicbookresources.com/2009/07/liefeld-cant-wait-to-someday-undo-shatterstar-development/>>. Acesso em 24 mar. 2014.

NYBERG, Amy Kiste. *Seal of approval: the history of the comics code*. Jackson: University Press of Mississippi, 1998.

REBLIN, Iuri Andréas. Homossexualidade e superaventura: uma questão de conquista ou de mercado?. In: BRAGA Jr., Amaro Xavier. (org.). *Questões de sexualidade nas histórias em quadrinhos*. Maceió: EDUFAL, 2014.

VIANA, Nildo. *Heróis e super-heróis do mundo dos quadrinhos*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.

VIANA, Nildo. *Quadrinhos e crítica social – o universo ficcional de Ferdinando*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2013.